

COMENTÁRIOS AO ARTIGO DE JOEL ROBBINS
*PLURALISMO RELIGIOSO E PLURALISMO
DE VALORES: RITUAL E A ADMINISTRAÇÃO
DA DIVERSIDADE INTERCULTURAL*¹

*Ramon Sarro*²

Vamos ter que admitir. Apesar de uma retórica humana, bem intencionada e amplamente compartilhada, o “pluralismo” com frequência torna-se incômodo. Não sabemos de fato como lidar com ele, tanto no nível político quanto no nível acadêmico. Às vezes – devo confessar com vergonha – cheguei a desejar realmente que cada comunidade tivesse sua própria “cultura”, seu conjunto delimitado de valores, seu passado em comum, sua unidade no destino e tudo mais. Não seria muito mais fácil para um etnógrafo se os Bongo-Bongo tivessem sua cultura Bongo-Bongo monolítica na Terra de Bongo-Bongo? Talvez sim (apesar de ser também um tantinho mais entediante). No entanto, para o bem ou para o mal, a verdade é que vivemos em um mundo plural, ou até, talvez, em uma pluralidade de mundos. Qualquer aldeia hoje em dia, contém pessoas com diferentes identidades religiosas, origens étnicas, línguas, preferências estéticas, ideias sobre gênero etc. Não duvidamos de que esse seja o caso especialmente em áreas urbanas, mas, como antropólogos como Joel Robbins têm nos mostrado, até mesmo áreas rurais remotas, distantes dos centros urbanos, podem ser muito plurais em sua composição. E, mesmo assim, como antropólogos, somos ainda um pouco tímidos demais para propor modelos que nos auxiliem a explicar/entender (escolham conforme a adequação) a faceta plural da condição humana.

Assim sendo, o artigo de Joel Robbins *Pluralismo Religioso e Pluralismo de Valores* é muito bem-vindo. A mudança sugerida por Robbins, de um foco

¹ Tradução de Rosalia Garcia e Revisão Técnica de Rodrigo Toniol.

² Professor da Escola de Antropologia e Museu Etnográfico – Universidade de Oxford.
Contato: ramon.sarro@anthro.ox.ac.uk

no pluralismo religioso para um voltado ao pluralismo de valores, é uma proposta que será, sem dúvida, aceita por muitos de nós. O argumento que o autor tece, com sua clareza habitual, é plenamente convincente. O ritual é o foco. É uma “lupa de aumento”, como Jonathan Z. Smith diria. Dado ritual reforça ou expressa um valor; outro reforça ou expressa outro valor. Ao focar-se na relação entre ritual e valores, Robbins vai de fato além das limitações de modelos que se baseiam na pluralidade de tradições religiosas. Se entendi bem, os valores são intimamente ligados às condições de possibilidade e às estruturas de plausibilidade que permitem que o ritual funcione (e que ajudam a explicar porque algumas inovações de ritual *não* funcionam).

Ao ler o artigo pela primeira vez, minha mente de imediato, gerou várias pequenas perguntas e comentários, claramente tendendo mais na direção do valor que indique talvez uma interpretação errônea do que em direção àquele de discordar ou criticar. De qualquer forma, eu gostaria de tomar essa oportunidade, pela qual agradeço do fundo do coração, de compartilhar essas perguntas com o autor pessoalmente.

Primeiramente, ao ler o artigo, vieram-me à mente os trabalhos de James W. Fernandez sobre a construção do “consenso social” no ritual reformativo dos Bwiti. Assim, eu gostaria de convidar Robbins a dialogar com esses trabalhos, se possível. Em um artigo influente que Fernandez publicou em *American Anthropologist* em 1965 (*Symbolic Consensus in a Fang Reformative Cult*), ele argumenta, de forma não muito diferente do que foi feito em um artigo de Geertz em *American Anthropologist* (*Ritual and Social Change: a Javanese example*, 1957), que não é o compartilhamento da interpretação que faz com que o ritual funcione (esse compartilhamento de significados que ele chamou de consenso “simbólico”, ou “cultural”), mas sim o fato de pessoas estarem *juntas* no ritual (o que ele chamou, em contrapartida, de “consenso social”). A *participação*, sugere Fernandez, é o que é *valorizada* (são suas palavras) e não o significado específico de um ou de outro símbolo ou ação. Será que essa ideia funcionaria para as pessoas com as quais Robbins conduziu seu trabalho de campo na Papua Nova Guiné? Será que elas também não

estão valorizando a participação no consenso ritual e *social* ao invés de (ou mais do que) um dos dois valores centrais específicos identificados no artigo?

Minha segunda pergunta é na verdade ligada à anterior. Refere-se à questão das origens dos valores e estou ciente do risco de submeter uma pergunta “galinha ou ovo” aqui. Sejam “representativas” ou “performativas”, as principais abordagens ao ritual levantadas no artigo parecem presumir que valores existam de um lado e os rituais do outro. O ritual ou representa ou é performativo de um ou outro valor pré-existente. A origem do valor não é examinada (apenas nos é dito que, historicamente falando, o valor da “individualidade” foi introduzido pelo cristianismo), assim como as origens do ritual também não são examinadas. Sei que lidar com “origens” é sempre muito problemático (sei, com certeza, que *eu* me sentiria desconfortável), mas eu me pergunto, mesmo assim, se não poderíamos investigar modelos mais integrativos do ritual, modelos que pudessem dar conta do papel do ritual na “gênese de valor”, por assim dizer, seja no nível coletivo ou individual. Rituais podem gerar valor?

Em terceiro lugar, como os dados oferecidos por Robbins encaixam-se em conjuntos binários de oposições tão bem definidas, uma pergunta sobre a dualidade e a mediação (ou falta de) me veio à mente. Se o ritual é usado para expressar, ou ser performativo de, um ou outro valor (“individualidade” ou relacionalidade”) em que as pessoas encontram a mediação entre os dois, o ponto fulcral que os permitiria se mover *de um lado* do espectro *até o outro*? Esse momento triádico acontece fora do ritual ou existem metarrituais, por assim dizer? Ou é no próprio ritual que as pessoas começam a entender que não podem, na verdade, ter um sem o outro? Ou a resolução da tensão, a tríade Pierciana, pode ser encontrada de outras formas que vão além do ritual?

Mais uma pergunta – na verdade, um comentário – que surgiu de uma falta de qualquer percepção das dificuldades diárias não ritualísticas, em contraste com a vida quase arquetípica retratada no ritual. O foco no ritual não permite que o artigo dê atenção às expressões locais de sofrimento ou às percepções sobre as complicações diárias que advêm da coexistência de valores.

Será que a coabitação de valores diários entre os urapmin é tão descomplicada quanto parece? Talvez dados sobre as dificuldades ou mesmo as tragédias criadas quando se convive com uma quantidade tão grande de valores pudesse ajudar o leitor a compreender a força do ritual de forma mais eficaz.

Meu comentário final refere-se às religiões (observem o plural) e aos valores. Robbins atribui o valor da “[...] individualidade ao cristianismo, mas não o valor da “relacionalidade”, que ele atribui à tradição (aqui representada pelo ritual do *Sacrifício do Porco*)”. Mas, será que o cristão também não se baseia em fortes ideias de relacionalidade (“somos todos filhos de Deus”, “a Igreja é o Corpo de Cristo”, etc)? Na verdade, o cristão, na teologia ocidental clássica, é muito mais relacional do que a maioria dos trabalhos antropológicos nos fazem crer, como argumenta o filósofo alemão Robert Speamann, em seu livro essencial *Persons: the difference between someone and something* (traduzido para o inglês em 2006). De qualquer forma, ao associar tão estreitamente a individualidade ao cristianismo e a relacionalidade aos sacrifícios tradicionais, temo que possa parecer que Robbins esteja reconvertendo seu pluralismo de valores em um pluralismo religioso, o que invalidaria seu próprio objetivo inicial de nos mover de um para o outro. Como hipótese provisória (cabe a Robbins dizer se é plausível ou não), prefiro propor (baseado em uma comparação não controlada com meu próprio trabalho na África Ocidental) que a relacionalidade e a individualidade já estivessem presentes mesmo antes da chegada do cristianismo, mas de forma muito implícita e latente, como modelos ou estruturas culturais de plausibilidade *a priori*. O cristianismo, no caso específico de Robbins, de qualquer maneira, certamente exacerbou o aspecto modelar da individualidade ao invés de criar um valor completamente novo do nada. Em outras palavras, minha hipótese contemplaria a possibilidade de que talvez a incorporação inicial do cristianismo na sociedade urapmin pode ser explicada de forma parecida (mas inversa) àquela usada aqui para explicar o motivo de alguns rituais falharem. Isso, é claro, não resolveria o problema das *origens* dos

valores, mas poderia corrigir a ideia um tanto quanto inesperada da redução do pluralismo de valores a um pluralismo religioso que o leitor pode ter ao terminar a sua leitura desse artigo tão provocante, original e engajante.

REFERÊNCIAS

FERNANDEZ, James W. Symbolic Consensus in a Fang Reformativ Cult1. In: *American Anthropologist*. n. 67. v. 4, p. 902-929, 1965.

GEERTZ, Clifford. Ritual and social change: a Javanese example. *American anthropologist*, n. 59, v. 1 p. 32-54, 1957.

SPAEMANN, Robert. *Persons: The Difference Between 'someone' and 'something'*. Oxford University Press, 2006.

Recebido em: 02/06/2014

Aprovado em: 15/06/2014